



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

CRISTIANE MOTA CUBAS

**FORMAÇÃO AMPLA DE LEITORES: EDUCAÇÃO MULTIARTÍSTICA EM
ESPAÇOS ESCOLARES**

PORTO ALEGRE

2013

CRISTIANE MOTA CUBAS

**FORMAÇÃO AMPLA DE LEITORES: EDUCAÇÃO MULTIARTÍSTICA EM
ESPAÇOS ESCOLARES**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Letras como requisito parcial
para obtenção de título de Licenciatura em Letras.**

Orientação: Prof. Dra. Luciene Juliano Simões

PORTO ALEGRE

2013

AGRADECIMENTO

À minha família, em especial, minha mãe por todo apoio e carinho.

A todos os coletivos, artistas e amigos da Mostra Artística Cabaré do Verbo.

À lembrança de minha avó, a todos os mestres e aos livros que me ensinaram o poder transformador do aprendizado, da contemplação e da reflexão.

Aos alunos e à professora Audrey da Escola Marechal Rondon de Canoas, que estiveram atentos, disponíveis e atuantes ao longo do projeto Livro Vivo.

Aos artistas Laura Pujol, José Carlos Peixoto e Ben Hur Pereira, que marcaram a memória desses mesmos alunos.

Aos meus amigos e ao meu companheiro, que me ensinaram o valor da crítica, das longas conversas e do amor.

Aos locais de minha infância, que me ensinaram a respeitar pedra, planta, pato, inseto e micróbio.

Ao Professor Pedro Garcez, que mudou a minha perspectiva sobre ensino.

Ao Professor Arcanjo, que possibilitou a realização da atividade cultural.

À Professora Luciene Simões, que apontou caminhos.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2. POR QUE FORMAÇÃO AMPLA DE LEITORES?	13
2.1 QUEM SÃO OS LEITORES PARTICIPANTES?	14
2.2 O PROJETO LIVRO VIVO	17
2.3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA TRILHA SENSORIAL	18
2.3.1 RESUMO DA ATIVIDADE	26
3. COMENTÁRIO SOBRE O RELATO DE UM ALUNO.....	25
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5. REFERÊNCIAS.....	30
ANEXO A - CÓPIA DOS RELATO DO ESTUDANTE.....	32
ANEXO B - CRONOGRAMA DAS AULAS-OFFICINAS	33

“Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.”

Manoel de Barros

"Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo".

Paulo Freire

"Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, as pessoas se libertam em comunhão".

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho discute a formação de leitores e o letramento sob o olhar da arte educação, baseado nas experiências estéticas de cinco anos de atividades culturais com Mostra Artística Cabaré do Verbo. O trabalho traz o relato de uma intervenção artística do projeto “Livro Vivo”, projeto de fomento à leitura e à escrita, que foi realizado em outubro do ano passado, na disciplina de Estágio 2 na UFRGS, na Escola Estadual Marechal Rodon de Canoas, com sessenta alunos do ensino médio, em um tempo de dois meses de aplicação de trabalho. A experiência relatada da *Trilha Sensorial* desenvolveu a fruição estética, a realização de produto escrito no gênero relato pessoal e o compartilhamento coletivo da experiência em roda de conversa aberta.

Palavras-chaves: formação de leitores, arte educação, educação multiartística e leitura ampla.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso trata da formação de leitores e de letramento sob olhar da arte educação baseado na experiência de letramento *Trilha Sensorial* desenvolvida por mim e artistas da cidade de Porto Alegre, durante o Estágio de Docência em Língua Portuguesa II orientado pelo Professor Arcanjo Pedro Briggmann. A experiência foi realizada com duas turmas de sessenta estudantes do primeiro ano do ensino médio, na faixa etária dos 15-17 anos, da Escola Estadual Marechal Rondon, localizada no centro da cidade de Canoas.

O evento de letramento relatado neste trabalho fez parte do projeto de ensino *Livro Vivo*, que se constituiu em dezoito aulas-oficinas que tiveram planejamento, produção e execução realizados por mim, por artistas das mais diferentes linguagens, pela professora supervisora das turmas e pela participação ativa dos alunos nas atividades. Foi um trabalho de plena coautoria. Seu propósito foi despertar a participação coletiva, ampliar a noção de leitura, fomentar a escrita e proporcionar o convívio dos estudantes com artistas, através de eventos de letramento que desenvolvessem a fruição estética, a percepção e a criatividade.

O que motivou este trabalho foram as experiências anteriores com projeto o cultural *Mostra Artística Cabaré do Verbo*, que busca a intersecção entre as linguagens artísticas, com eventos continuados de letramento, e formação de platéia em espaços formais, como: escolas, pontos de cultura, bibliotecas comunitárias e centros de cultura, e, em espaços informais, como a plataforma de rua. Ao longo de cinco anos, o projeto vem articulando artistas na cidade de Porto Alegre e vem realizando saraus, oficinas, *workshops*, cursos e mostras artísticas temáticas, que eu concebo, gestiono e produzo juntamente com uma equipe de especialistas nas áreas das artes visuais, música, literatura e artes cênicas. O projeto conta um coletivo de mais trezentos e cinquenta artistas articulados na cidade de Porto Alegre. No ano 2011 ganhou edital Fundo de Apoio à Cultura do Governo do Estado do RS por fomentar arte e cultura na cidade. Há três anos está colaborando com a programação da Casa de Cultura Mário Quintana com Mostras Artísticas e Oficinas. A mostra se dá como uma mostra cultural que reúne múltiplas expressões artísticas e abre espaços

para várias instâncias criativas em um mesmo local e em um único momento. O Cabaré do Verbo proporciona uma programação específica para evento e para um público que tem oportunidade de se manifestar em um palco aberto nos intervalos da programação.

O Cabaré do Verbo busca apoios na cidade através da cedência de locais públicos, privados ou espaços de grande circulação. Ocupa espaços abertos, desde que seja coberto por uma lona, ou pode ocupar espaços fechados, desde que se caracterizem como espaços irradiadores de cultura que valorizem a arte de rua, popular, local e autoral. A equipe realiza também saraus com temáticas específicas para Feiras de Livro, eventos em escolas e instituições culturais. Promove leituras dramáticas e apresentações artísticas; realiza pesquisa e levantamento de autores e bibliografias de autores contemporâneos; está articulado com uma rede de bibliotecas comunitárias e públicas; Além dessas atividades, promove continuamente atividades formativas de oficinas artísticas de literatura, música, circo, artes visuais, dança e cinema; de arte educação e letramento amplo com especialistas da área; ecologia com educadores ambientais para público em geral, escolas e instituições culturais. Na plataforma de rua promove também intervenções urbanas como performances e oficinas ao ar livre a fim de divulgar a arte, o livro e cultura na rua. O Cabaré do Verbo foi criado de forma coletiva por Cristiane Cubas, Natália Bandeira e Marcela Marco no ano de 2008. Em 2009, iniciou suas atividades e ganhou força com a adesão de Fernando Ramos, editor do Jornal Vaia e FestiPoa Literária. A partir de então os artistas reunidos fizeram sua primeira apresentação em três dias da Festipoa 2009 e deu-se continuidade nas leituras coletivas das Maratonas Literárias 1, 2, 3 (Centro Municipal de Cultura – articulação com feita com a Coordenação do Livro e Literatura) e 5 (Cais do Porto – articulação feita com a Bienal de Arte do Mercosul). No ano de 2010, o Cabaré do Verbo esteve inserido na Programação do FestiPoa Literária que aconteceu do dia 20 ao dia 25 e comemorou um ano de atividade em Porto Alegre. Ocupou os seguintes espaços: Ocidente (Ox), Pé Palito, Café da Oca, Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano e a Praça da Alfândega com a intervenção Dulcinéia Catadora. No mês de maio se articulou com o coletivo 4ndrógina Cultural e participou como convidado da festa cultural Orgiarte 6 que aconteceu no Mr. Dam. No mês de junho fez a primeira Festa Artística no Pé Palito com a temática a Noite dos Poetas Maldito. No mês de julho se articulou com a

UFRGS e a Associação dos Geógrafos no XVI Encontro Nacional de Geografia. No dia 09 de setembro realizou a segunda festa artística em parceria com o Pé Palito e terá a temática: Elogio da Loucura. E fechou o ano com a participação no 24º Festival de Arte de Porto Alegre, promovido pela Secretaria Municipal da Cultura e Atelier Livre, no qual promoveu uma palestra Artista e sua Obra: Fomento Cultural Independente em Porto Alegre e produziu a Mostra Artística de Abertura e o Fechamento do Festival, organizando e montando as intervenções, instalações e exposições. Em 2011, realizou parceria com a Casa de Cultura Mário Quintana que abriu suas portas para uma programação contínua. Ainda em 2011, o Cabaré do Verbo realizou saraus no Instituto Goethe (Os Marginais e Aventureiros, articulação com a ONG Cirandar – Rede de Bibliotecas Comunitárias e Públicas), na Feira do Livro de Porto Alegre (Sarau América Latina), Livraria Bamboletras (Cidade das Crianças), e uma grande mostra com a temática: Povos Aqui da Rua na Praça do Cristal junto ao Ponto de Cultura Quilombo dos Palmares no evento A Volta do Povo à Praça. Também foi contemplado como coletivo residente da Casa e inaugurou a primeira galeria aberta da CCMQ que foi batizada pelo nome de Buraco do Cabaré. Em 2012, realizou oito mostras artísticas, seis oficinas de rádio web, contação de histórias, xilogravura, teatro e de iniciação de *clown* e um sarau com a Feira do Livro chamado: Redescobertas, com convidados griós e guaranis. Em 2013, continua a realizar atividades continuadas de mostras artísticas, saraus e oficinas, e neste ano realizou o lançamento de dois novos eventos: a Paradinha Literária, evento de letramento infantil com circuito rotativo de minioficinas baseadas em um livro de literatura infantil e infanto-juvenil e mais nova biblioteca itinerante que também realiza trocas e distribui livros gratuitamente: a Bambucicloteca. A Bambucicloteca é uma biblioteca móvel, conduzida por uma bicicleta feita de bambu, e que é ponto de encontro das artes. A biblioteca proporcionará trocas e empréstimos de livros e ainda servirá de plataforma de rua para as mais diversas manifestações artísticas e circula regularmente no segundo sábado do mês, em locais de grande e diversa movimentação de pessoas, praças, avenidas, largos, escolas e centros culturais.

Com isso busca-se resgatar fazeres das culturas tradicionais que fundaram um modo de transmissão de conhecimento baseado na realização oral, na participação coletiva da transmissão dos conhecimentos e que se efetiva na fusão de discursos gestuais, icônicos e musicais. A descoberta do corpo como fonte de composição da

comunicação está explícita nas culturas tradicionais e são bases da educação familiar e da formação do sujeito, como os rituais de passagem que registram no corpo do integrante da sociedade uma experiência que remete a uma memória emocional. Assim, o caráter logocêntrico que em grande medida pauta a construção intergeracional de conhecimento no mundo contemporâneo letrado, está ausente dessas práticas de herança cultural, nas quais se integram outros aspectos significativos da situação discursiva, ligados às artes no seu amplo aspecto: canto, corpo, dança, etc. Nesse espaço de interações sociais e no conjunto das negociações entre os participantes é que se estrutura toda dimensão social do sujeito na sociedade.

O “letramento” (aqui faço uma ressalva) nas culturas tradicionais, que não trabalham com a materialidade escrita, não podemos chamar propriamente de letramento, mas os eventos de empoderamento do sujeito com sua cultura, ou seja, as aprendizagens de “leitura do mundo”, pela concepção paulofreiriana, se dão nos fazeres cotidianos e coletivos. Em um contexto de cultura contemporânea letrada, resgatar esse ensinamento das culturas tradicionais ligadas à manifestação da arte e das expressões artísticas, incluindo-as no cotidiano escolar e na rua, cria diretamente um sentimento de pertencimento, empoderamento e participação cidadã nos sujeitos. Tanto que a participação cooperativa em projetos culturais, comprometidos com o propósito de aprendizagem, proporciona adesão por parte das pessoas (estudantes, público e passantes) e influi diretamente na vida dos sujeitos.

Prezar por uma educação ética e estética escolar dá o acesso aos discursos e desenvolve *amplamente* as capacidades de leitura do mundo, oferecendo inclusive um fazer artístico. Como exemplo, temos a EMEI Heitor Villa Lobos, na Lomba do Pinheiro, em que o grande evento de letramento se dá no desenvolvimento do aprendizado da linguagem musical através da orquestra da escola. Muitos alunos que antes não viam sentido em estar na escola, através do letramento musical passaram a se engajar no contexto escolar, agregando a comunidade e dando continuidade aos estudos de instrumento musical. Cito ainda projeto de letramento de SP, Dulcinéia Catadora, em que filhos de catadores fazem capas de livros de papelão e os vendem aumentando a renda familiar. Muitos aprenderam a ler e escrever tendo contato com o miolo dos livros. Sebastião Nicomedes, ex-morador de rua e poeta, é lido em

quatorze países. O coletivo reúne filhos de catadores, a artista visual Lucia Rosa, poetas, escritores e novos leitores. Outro exemplo de projeto cultural em que alunos transformaram suas realidades é a *Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura*, no Paraguai, primeira orquestra do mundo a usar instrumentos de corda e sopros feitos a partir de produtos reciclados de lixo, como exemplo, as oficinas de construção de instrumentos de latão e musicalização no instrumento.

No que se refere ao empoderamento não só de fazeres, como de discursos, é crucial se pensar na relação dos meios de comunicação em massa com a arte. A publicidade, mídias, tv, internet, filmes, toda indústria produtora de padrões e comportamentos, incorporaram a arte, sensibilizando a fim de cooptar o possível consumidor. Saber ler o mundo, as novas tecnologias e seus discursos, exige reconhecer em aspecto amplo a multiplicidade semiótica de constituição de textos, a pluralidade de gêneros híbridos existentes, conscientizar-se também dos discursos que nos permeiam e das capacidades e habilidades que podemos desenvolver e oferecer para sociedade.

A importância deste relato está em contribuir com a noção de formação de leitores, agregando o termo *amplo*, conceito que será discutido mais adiante neste trabalho, apontando como a arte educação articulada com o estudo de gênero discursivo bakhtiniano cria a participação espontânea e colaborativa que potencializa a criatividade e a percepção para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita de textos.

1.2 EDUCAÇÃO MULTIARTÍSTICA: ANTECEDENTES, EXPERIÊNCIAS E APLICAÇÕES

Uma das principais agências de letramento amplo e educação multiartística tem se firmado pela arte educação oferecida por museus. Em 1984, com a Declaração de Québec, se reafirmou o que em 1972 com a mesa de Santiago do Chile, através de um fórum, já se pautava sobre a atuação dos museus como agenciadores dos multiletramentos. A Nova Museologia surgia como um fomentador de cultura e formador de público. Nesse documento, um conjunto de princípios e

propósitos faziam um mapa de atuação pedagógica que percebia a educação da população e via o público como um agente do próprio aprendizado, como um interlocutor participante e construtor do seu conhecimento. Neste contexto, os países da América Latina têm sido pioneiros na formação de artemediadores, professores e público, por meio de projetos pedagógicos baseados em produção de materiais, oficinas, debates, exposições, performances e curadorias de bienais e festivais de arte contemporânea. A Bienal do Mercosul vem investido cada vez mais na área de pesquisa e educação, refletindo sobre as poéticas narrativas, poéticas geo-espaciais e sobre a construção dos discursos através das artes visuais. Os “multiletramentos” desde lá estão apontados diretamente ao olhar do espectador e tentando propiciar uma experiência estética referencial e modelar em diálogo com a contemporaneidade e as diversas formas de letramento. No âmbito linguístico, foi só em 1996 que o Grupo de Nova Londres no manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Sedigning Social Futures* cunhou o termo multiletramentos e “firmou a necessidade da escola tomar a cargo (daí a proposta de uma “pedagogia”) os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea.”, segundo Roxo (2012).

Recentemente no Brasil dos anos 90, também que se assume um compromisso com as práticas sociais ligados à leitura e à escrita. Assim, educadores, professores, linguistas, ou seja, formadores de leitores, passam também a produzir materiais voltados ao tema do letramento em diálogo com interdisciplinaridade.

2. POR QUE FORMAÇÃO AMPLA DE LEITORES?

A proposta da formação **ampla** de leitores está baseada em privilegiar os **multiletramentos** explicitados por Roxo (2012): “*é o que tem sido chamado de multimodalidade ou multissemiótica dos textos contemporâneos, que exigem multiletramentos. Ou seja, textos compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semióticas) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar*” e transformá-los em práticas de letramento por meio da arte educação. Se no seio da formação de leitores está a articulação de saberes, discursos e empoderando dos sujeitos para interagirem com as práticas sociais que envolvem o uso da língua escrita e falada, por que não associá-la às demais linguagens artísticas para promover eventos de letramento?

A formação ampla de leitores se propõe a fundar nas bases da arte educação as práticas sociais de multiletramentos para apropriação dos discursos e realização de fazeres, buscando uma formação ética e estética que promova a participação colaborativa dos agentes envolvidos. O acréscimo semântico *ampla* foi cunhado por mim, com o objetivo de registrar a importância do **diálogo das práticas de letramento com as diversas linguagens artísticas**, em busca do desenvolvimento da criatividade, que colabora diretamente com a prática da escrita, e da percepção dos leitores, que qualifica a leitura de mundo dos sujeitos.

Para tanto articula-se os conceitos de **letramento** de Britto (2007): “*O letramento é uma condição do sujeito que interage com os discursos, saberes e comportamentos articulados em função da cultura escrita*”, e Kleiman (1995), que complementa afirmando que se trata de um “*conjunto de práticas sociais realizadas por um sujeito autônomo que se utiliza da escrita enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia em contextos específicos para objetivos específicos*”, aos conceitos da **arte educação** fundamentado por Mario Fernando Bolognesi (2011) “*a arte educação tem papel de destaque porque se estabelece como elo entre o sujeito criativo e o cidadão participativo, investindo na arte como forma de conhecimento e como exercício de criatividade*”, para definir **o propósito da formação ampla de leitores** que é formar leitores capacitados a lidar com as mais diversas situações discursivas das instâncias da vida institucional e pública, que saibam se relacionar de

maneira colaborativa e comunitária, utilizando-se da cultura escrita e dos multiletramentos, a fim de exercitar e aplicar suas plenas capacidades de percepção, crítica e criatividade.

A educação multiartística proporciona o desenvolvimento do exercício da criatividade dos leitores, o desenvolvimento de sua percepção para a leitura de mundo, de sua responsabilidade com a própria aprendizagem e com a coletividade. O que mobiliza no cotidiano do leitor um olhar estético e sensível, que tem o potencial de transformar a realidade de sua comunidade local, resgatando sua história, educação familiar e o âmbito social ligado à arte e à cultura local. A afirmação que está por trás dessa prática é a máxima expressa de *agir localmente e pensar globalmente*. Por isso, a formação ampla de leitores trabalha também a fruição estética. A leitura ampla capacita o sujeito para a participação na vida pública, no aspecto de desenvolver as capacidades críticas e estéticas, desenvolvendo a percepção e a expressão artística.

Na seção seguinte apresento um relato da experiência estética *Livro Vivo* que contextualiza o ambiente escolar, os interlocutores, ou seja, quem são os leitores que participaram da atividade de formação ampla de leitores.

2.1 QUEM SÃO OS LEITORES PARTICIPANTES?

O *Livro Vivo* foi um projeto experimental realizado em uma escola pública: a Escola Estadual de Canoas Marechal Rondon. A escola é tradicional da cidade, com 50 anos desde sua fundação. Está situada na Rua Santini Longoni, 147, no bairro da Estação La Salle, ou seja, região central da cidade de Canoas, que é um bairro comercial, com amplo fluxo de pessoas, desde comércio informal a grandes lojas. Como qualquer centro de cidade, é onde está o capital circundante e toda a poluição, diversidade e dinamicidade. O público frequentante da escola é oriundo de bairros próximos (Niterói e Fátima), de poder aquisitivo e cultural que se configura como mais marginalizado em relação aos centros de poder reconhecidos pela sociedade de alta renda. A escola tem atividades culturais ligadas ao currículo, como a Mostrarte, que é uma semana de atividades culturais tendo a dança como atividade destacada por a

escola envolver alunos em festivais e apresentações de dança, além de mostra de produtos culturais dos alunos.

Para uma compreensão clara de quem eram esses leitores, foram realizadas inúmeras visitas à escola com o objetivo de: 1) realizar conversas para levantamento de dados contextuais; 2) aplicar questionário que inquiria sobre leitura, escrita, gostos, fazeres, cotidiano familiar e escolar; 3) solicitar relato de apresentação pessoal. As turmas alvo dos estudos e pesquisas para o desenvolvimento do projeto em questão foram do primeiro ano do Ensino Médio, em número de 51 estudantes (24 + 27). O perfil dos alunos é de estudantes de 15-16 anos, oriundos de bairros próximos da escola. Todos têm acesso aos meios de comunicação como a internet, escutam músicas que circulam nas grandes mídias televisivas, como MTV, leem em mídia impressa as seções de signos, piadas, quadrinhos e esportes, leem revistas de mangá, quadrinhos, teen e fofoca, jogam videogames como o Guitar Hero e jogos digitais de alto grau de violência e perigo, como jogos de guerra ou de combate a alienígenas, assistem quase que diariamente a programas de tv ligados a seriados e novelas. A maioria foi algumas vezes ao cinema, e nenhuma ou poucas vezes foram ao teatro ou museu/galerias/ateliês. Eles veem a leitura como “viagem” e a escrita como “expressão de sentimentos”, por isso o gênero discursivo escolhido para o trabalho foi o relato pessoal.

Antes do início do projeto, foi realizada observação de duas semanas, com cinco períodos de aulas semanais, que se baseou não só em exame atento de situações, como em conversas com alunos, docentes e funcionários. Os estudantes tinham características fortes da idade, como a curiosidade pelo universo de descoberta do corpo, o que foi utilizado a favor do projeto, com oficinas-aulas de leitura corporal e percepção corporal. Segundo resultados do mapeamento através de questionário, relato pessoais de apresentação dos estudantes e observação de comportamentos, ainda prevaleciam noções de que o bom aluno é o que tem o caderno cheio e que o objetivo final deles são as notas das provas. Também é importante destacar que percebem o ato de estudar como uma perspectiva estritamente neoliberal de mercado de trabalho, ganho material e status social.

Para a realização do projeto, foram planejadas vinte e quatro aulas e, a cada duas aulas, um convidado artista participava das atividades; dessas 24 aulas, foram realizadas 18 aulas efetivas com a participação de 9 artistas, que foram convidados

através dos trabalhos anteriores com a *Mostra Artística Cabaré do Verbo* que forma uma rede de artistas na cidade de Porto Alegre. Foi considerado o produto final do projeto: o processo de aprendizagem dos alunos, bem como os relatos produzidos no período, já que o produto final planejado não foi realizado efetivamente por conta do calendário escolar dos alunos. O projeto interativo com as mais diversas linguagens artísticas buscou dinamizar e ampliar o aspecto essencial da aprendizagem e das diferentes formas de expressão e comunicação: a leitura.

Os processos de mobilização sensorial, afetivo e racional que são desencadeados pela leitura se dão de maneira constante, processual e concomitantes, ou seja, estão acontecendo em relação ao tempo presente, de forma gradual, mobilizando várias capacidades conjuntas que se manifestam ao mesmo tempo.

O objetivo central do projeto, então, foi de ampliar a noção de leitura e desenvolver o potencial artístico das formas de expressão e comunicação em língua portuguesa visando à formação ampla de leitores. Para tanto, trabalhamos os conceitos de percepção, envolvimento e criatividade deste ponto de vista.

A percepção é um ato contemplativo de tomada de consciência, o envolvimento é um ato interativo e participativo de empoderamento de determinada situação discursiva. Para que a criatividade seja desenvolvida é necessário mobilizar esses dois movimentos, ao mesmo tempo, através de atividades que mobilizem não só atividades de escrita, mas o corpo todo com todas suas capacidades. Esses dois conceitos são centrais na formação ampla de leitores e também foram articulados por mim com base nos cinco anos de experiências em arte educação com a *Mostra Artística Cabaré do Verbo*.

A seguir, apresento o delineamento geral que teve o *Projeto Livro Vivo*, antes de passar a relatar a atividade da *Trilha Sensorial*, atividade selecionada para reflexão deste trabalho.

2.2 O PROJETO LIVRO VIVO

Objetivo: Desenvolver plenamente as capacidades de expressão e comunicação em língua portuguesa, através de atividades letramento e de educação multiartísticas, gerando um produto final chamado **livro vivo** que consiste ou na materialidade de um livro feito à mão com as atividades de escrita ou em uma performance artística.

Geral: Ampliar a percepção e a noção de leitura nos processos de aprendizagem da linguagem e nas atividades cotidianas; fomentar a livre expressão e potencial criador em diferentes linguagens e gêneros discursivos; experimentar formas de expressão da linguagem; conscientizar as formas de expressão do âmbito das linguagens.

Específico: Empoderar-se da noção de leitura ampla; ler e identificar diferentes gêneros discursivos (literários e não literários); produzir textos (verbais ou não verbais) de diferentes gêneros e em diferentes plataformas; debater, conversar e entender o conceito de adequação da linguagem; aprender a relatar e analisar. Realizar produto (artístico e reflexivo) verbal ou não verbal: livro vivo, que consiste ou em um livro com a compilação das atividades escritas ou na realização de uma performance artística.

Gênero discursivo norteante: Relato pessoal e artigo de opinião

Gêneros discursivos circundantes: Poesia, canção, conto, quadrinhos, diário, carta aberta e debate público.

Linguagens estruturantes: literatura, artes visuais, música, teatro, circo, cinema através de vivências, performances, filmes, quadros, instalações, esquete de teatro e circo.

Metodologia/Planejamento: 24 aulas-oficinas com vivências em diferentes linguagens. Gerar a cada semana um produto (artístico) verbal ou não verbal.

A ideia principal teve como propósito levar arte para dentro da escola, promovendo o encontro entre artistas e alunos, com atividades a cada duas aulas. As atividades de aulas-oficinas foram criadas pelos artistas e por mim, especialmente para a finalidade de realizar este projeto escolar.

As aulas consistem em três grandes blocos de leitura:

Leitura do Corpo – relação da linguagem consigo

Leitura de Ambientes – relação da linguagem com mundo

Leitura de Livros – relação da linguagem com o mundo letrado

Segue também para apreciação, em Anexo B, o Cronograma Completo das aulas-oficinas. A experiência da *Trilha Sensorial* foi a primeira atividade estética realizada dentro desta sequência didática, que foi realizada na segunda semana de aulas. Anteriormente, foi conversado com os estudantes sobre a realização das atividades de arte educação e a vinda dos artistas à escola, bem como a realização do planejamento de aulas coletivo. Todas as atividades realizadas foram um consenso dos alunos com a professora estagiária e a professora regente da disciplina. Abaixo segue o relato da atividade, bem como uma amostragem dos relatos dos alunos no Anexo A, com um comentário crítico.

2.3 EXPERIÊNCIA ESTÉTICA TRILHA SENSORIAL

Leituras do Corpo

Aula-oficina 2 –Atividade de Trilha Sensorial (pátio da escola). Relato pessoal da experiência por escrito (individual). Partilha (análise oral em grupo, sentados em círculo)

Oficineira-convidada: Laura Pujol, poeta e performer.

Habilidade desenvolvida: percepção sensorial

Produto cultural: Relato pessoal para o Livro Vivo

O primeiro módulo de **Leituras do Corpo** foi o momento que se destacou pela surpresa dos alunos ao se depararem com uma primeira abordagem artística nos aprendizados de desenvolvimento da comunicação e da expressão, que era permeada por atividades de leitura e produção textual da disciplina de língua portuguesa, baseado nos estudos de gênero discursivo.

A vivência que criamos referencia a obra de Helio Oiticica que, nos anos 60, apresentava um trabalho de instalação ao qual chamava de “penetrável”: espaço em forma de labirinto onde o espectador entrava e passava por experiências sensoriais, espaço em que a obra de arte não é apenas contemplada, mas também vivenciada.



Fonte: <http://artecontada.wordpress.com/2010/11/14/helio-oiticica/>

Obra: Tropicália, Helio Oiticica, 1960.

A experiência estética da *Trilha Sensorial* foi realizada a primeira vez em setembro de 2011, no Instituto Arca Verde, localizado em São Francisco de Paula, comunidade autônoma e instituto de pesquisa em permacultura, onde moravam dezesseis pessoas adultas que tinham contato com a leitura, mas pouca intimidade com a poesia. O objetivo da experiência foi de criar um ambiente sensorial que levasse até a leitura dos poemas do livro *Livro das Ignorâncias*, de Manoel de Barros. Para isso foi montada dentro de um *yurt* uma trilha de pedras, terra, folhas e água em que, individualmente e silenciosamente, cada pessoa, com o campo de visão ocultado por uma faixa preta, era levada pela mão, no caso, por mim, para caminhar com os

pés descalços nesse ambiente, enquanto escutava alguns temas clássicos de Mozart tocados por um dos músicos que lá morava. Ao final da trilha era dito no ouvido das pessoas, o poema: “*Poesia é voar fora da asa.*”, a venda era retirada e a pessoa era convidada a sentar-se em um círculo onde se encontrava o livro e poemas transcritos à mão. A atividade terminou com sarau de leitura dos poemas e relato oral sobre a percepção da experiência. Nos relatos orais daqueles interlocutores, foi unanimidade como a noção de leitura se ampliou, pois, sem a visão, aquelas pessoas se obrigaram a desenvolver os outros sentidos disponíveis como o tato, a audição e olfato. Notei que a experiência estética proporcionada pela trilha despertou o interesse pelos poemas, gênero que até então não tinha espaço naquela comunidade. Percebi, então, como a experiência estética colaborou com o interesse de textos poéticos que passaram a ser retirados da biblioteca da comunidade e criaram uma ampliação da percepção de leitura nos participantes.

A segunda experiência com a *Trilha Sensorial* foi realizada, em 30 de agosto de 2012, durante Mostra Artística *Sensorial: em estado de arte!* do Cabaré do Verbo, na Casa de Cultura Mário Quintana e teve como público alvo os participantes do evento que em geral são jovens de 15-35 anos. A atividade contou com a participação da poeta Laura Pujol que no dia foi a mediadora que levava as pessoas pela mão e falava trechos de textos de Manoel de Barros enquanto os passantes percorriam a trilha. O final da trilha terminava em uma ilha de sabor em que o participante poderia ler alguns poemas caso quisesse, além de poder degustar o suco da terra, receita de suco natural com legumes e verduras, e onde havia um mediador que conversava sobre alimentação natural. Esta experiência foi uma réplica da atividade feita no Instituto Arca Verde e que tinha o objetivo de proporcionar ao público uma experiência de fruição estética.

Para a atividade escolar, realizada em outubro de 2012, a *Trilha Sensorial* foi adequada ao ambiente escolar, e a poeta Laura Pujol foi convidada a pensar junto comigo a adequação, o planejamento da atividade e montagem da experiência de acordo com pesquisa da observação para analisar os interlocutores da atividade.

A atividade contou com o antecedente de duas aulas em que foi apresentado o plano de trabalho, a noção de leitura ampla e o gênero discursivo relato pessoal. Foram apresentados exemplos de relatos pessoais, foram analisados coletivamente em sala de aula os relatos de apresentação pessoal dos próprios alunos (segundo

permissão do autor), e também foi realizada uma atividade que desenvolvia a criatividade. A atividade consistia na entrega de uma folha em branco aos estudantes, a seguir foram convidados a desenhar no centro da folha um ponto preto, e então era sugerido que o aluno olhasse para a folha de papel com o ponto central e relatasse o que estava enxergando na página. A atividade durou dois períodos e foi seguida de roda de conversa sobre os relatos e sobre as características do gênero.

Esta primeira atividade gerou nos estudantes perguntas como: “mas professora, aqui só tem um ponto preto, isso está me incomodando, não consigo ver nada além!”, outros ainda diziam: “imagina, dá para ver mais coisas fulano, você não está enxergando porque não quer, é um ponto preto, pode ser qualquer coisa que você quiser”. O comentário do colega ao estudante foi o despertar para as primeiras noções do uso da criatividade. Foi sugerido ao estudante que relatasse simplesmente o que estava sentindo. A atividade terminou com a leitura dos relatos que foi a segunda produção escrita no gênero relato pessoal.

Ao final desta aula foi conversado sobre como seria a dinâmica da aula seguinte da atividade da Trilha Sensorial. Foi explicada a sequência da dinâmica: que iríamos realizar a atividade em diferentes espaços da escola (sala de aula, hall e pátio), iríamos silenciar o corpo e a fala a fim de contemplar. Foi explicado que a atividade seria realizada no pátio e que consistia na passagem de pés descalços e com olhos vendados por uma trilha de pedras, terra, folhas secas e água; em seguida, iríamos escrever o relato da experiência pessoal em silêncio na sala de aula e como fechamento, iríamos discutir os relatos escritos (e orais), em roda aberta no *hall* da escola. Assim, foi solicitado aos alunos que viessem com um calçado que pudesse ser retirado com facilidade. Esse primeiro pedido gerou nos alunos um pouco de desconfiança por parte de alguns que perguntaram: “Mas Professora, a gente vai ter que tirar o sapato?”. A resposta dada a eles foi que a fim de que a experiência estética fosse efetiva, era necessário a retirada do calçado e que nenhum estudante estava obrigado a realizar a atividade, no entanto fazia parte do plano de aulas que foi entregue e debatido na primeira aula, conforme consentimento geral da turma. O que foi acolhido pelos estudantes.

A experiência baseou-se em diferentes momentos e ambientes: 1) meditação silenciosa na sala de aula; 2) ida silenciosa até o pátio; 3) sentar-se silenciosamente e

esperar sua vez; 4) ida silenciosa até a sala de aula; 5) escrita do relato; 6) após o recreio, conversa em roda aberta sobre a experiência.

A escolha dessa oficina para relato deste trabalho foi em função do conjunto de antecedentes de planejamento e aplicação da atividade, e dos relatos emocionados dos alunos com relação a essa vivência no que se refere à leitura. A atividade gerou inicialmente dúvida por parte de alguns alunos, que se perguntavam: “o quê, afinal de contas, realizar uma vivência artística tem a ver com a aula de português?”, a resposta que seguiu veio da parte de um dos alunos que falou a seguinte frase: “a professora tá trabalhando a leitura com a gente, é como aquela música do Skank, **para ler no seu rosto uma mensagem de amor**, é para a gente aprender a ler tudo, as pessoas, o sinal na rua, as propagandas, os livros, tudo”. Os colegas debocharam um pouco do colega, porque havia na música a palavra amor e que ele estava mandando cartinhas apaixonadas para a namorada. Os comentários foram um bom início para se conceituar a partir do universo deles o que se entende por **leitura ampla**.

A preparação da atividade começou dias antes de ir até a escola. Laura e eu escolhemos o material com cuidado. A terra foi comprada em local seguro que trabalhava com agricultura orgânica, bem como as pedras, que foram colhidas por encomenda, em Riozinho, e as folhas foram coletadas em uma das árvores da escola. A fim de que o pátio não permanecesse sujo, colocamos todo material em cima de uma lona de três metros de comprimento. Montamos a estrutura de chão próximo a um banco em que eles poderiam se sentar para esperar a sua vez, já que a atividade seria feita individualmente, com um a um dos estudantes.

A trilha consistia em quatro partes: a primeira de pedras, a segunda terra preta, a terceira de folhas e a última com água, no final da trilha foi colocado um pano para a limpeza dos pés:

Figura 1 Escola Marechal Rodon, pátio, outubro de 2012. Trilha sensorial, antes da escrita do relato.



Fonte: da autora

A direção e supervisão da escola autorizaram e acompanharam o processo de montagem da trilha que ocorreu no horário do almoço. A aula iniciou com apresentação da atividade por mim e apresentação da convidada para os alunos. Laura falou que era poeta e que fazia parte do coletivo de artistas do Cabaré do Verbo e que havia concebido a atividade junto comigo e explicou que iríamos começar a atividade com uma dinâmica de quinze minutos de meditação silenciosa. A princípio houve relutância por parte de alguns que achavam engraçado ficar em silêncio. Foi solicitado aos alunos que se sentassem de forma confortável nas carteiras e ficassem em silêncio, inclusive em relação aos gestos corporais. Foi dito que para meditar era apenas necessário fazer silêncio, respirar e tentar não ficar apegado a nenhuma pensamento que viesse a cabeça. Laura pediu que se sentissem à vontade para fechar os olhos, e começou a relatar uma visualização em que se entrava em um ambiente natural com rio, pedras e floresta, enquanto eu andava pela

sala movendo um pau de chuva, instrumento percussivo que mimetiza o barulho da chuva. Aos poucos eles foram se aquietando até haver silêncio total. Notamos que os alunos ficaram concentrados na atividade até os rostos mudarem de fisionomia - da agitação para um estado de tranquilidade. Os alunos então foram convidados a ir até o pátio em silêncio. Todos acolheram o pedido. Às vezes se escutava algum cochicho que espontaneamente era silenciado.

No pátio havia um banco para se sentarem. Foram convidados a continuar em silêncio e que seriam escolhidos para fazer a atividade na ordem daqueles que estivessem mais concentrados. Um a um os alunos eram convidados a retirar o sapato, se levantar e ir em direção à trilha. Na frente da trilha era colocada a venda. Já neste primeiro contato era falada a seguinte frase: “Atenção: a percepção requer envolvimento”, frase do artista visual Antoni Muntadas. Logo após, Laura apenas orientava a direção da trilha levando pela mão os estudantes. Conforme eram mudados os elementos pisados, um novo trecho de poema de Manoel de Barros era dito ao aluno em voz baixa: “poesia é voar fora da asa”, “a intuição é uma canoa que está na outra margem”, “é preciso cruzar o rio dos pensamentos”. Às costas do estudante eu seguia manipulando o pau de chuva de um lado para o outro, conforme as entonações das palavras ditas por Laura. Ao final da trilha, o aluno tirava a venda, se calçava e era convidado a subir para sala e escrever o relato da experiência. Na sala de aula, a professora regente da disciplina os esperava, na sala de aula, com o propósito de acompanhar o processo de escrita. A professora depois relatou que ela não precisou falar nada a eles. Eles espontaneamente foram fazer a atividade proposta, o que revela como uma atividade artística causou o empoderamento espontâneo do processo de aprendizagem. Após o recreio, os alunos foram convidados a se encontrar no *hall* com seus relatos e suas impressões para conversarmos sobre a atividade e sobre os relatos produzidos. Os estudantes fizeram muitas perguntas para Laura e sobre o que era o projeto que realizávamos juntas. Explicamos que o Cabaré do Verbo é um projeto que faz atividades culturais e tem como propósito relacionar linguagens artísticas com o objetivo de formar platéia e leitores através de mostras artísticas e atividades formativas como saraus, workshops e cursos. Relatamos ainda, que a atividade feita na escola, foi possível graças à rede de mais 350 artistas articulados na cidade de Porto Alegre que trabalham de forma colaborativa e coletiva. Muitos falaram que nunca tinham tido uma experiência

artística em que eles eram participantes e atuantes, o que gerou contentamento da nossa parte.

Os relatos produzidos em grande parte faziam analogia a momentos da vida e memórias afetivas e falavam de como depois de passarem pela experiência tinham vontade de escrever mais. Uma aluna leu um trecho de seu relato aos colegas: “*Senti as pedras como momentos difíceis que passamos na vida, a parte da trilha da terra me senti em paz como que os problemas fossem embora e me veio na cabeça uma lembrança de quando era criança e brincava com a terra, entendi nesse momento fazemos a leitura desde quando somos pequenos e ainda nem sabemos ler, tenho vontade de escrever mais, mas a folha está no fim*”. O relato da aluna revela três pontos importantes: a ampliação da noção da leitura, a ligação com as memórias afetivas e o despertar para a criatividade que colabora com o desenvolvimento de textos. Dois alunos não escreveram o relato, e relataram oralmente a experiência. Duas alunas não quiseram participar da atividade da trilha e foi sugerido, então, que relatassem a experiência da meditação. Na aula seguinte, como fechamento da atividade, foi realizada atividade de reescrita dos relatos pautando questões formais do gênero e de revisão sintática e ortográfica dos textos.

Figura 2 Escola Marechal Rodon, hall, outubro de 2012. Partilha de experiência, após escrita da atividade.



Fonte: da autora

2.3.1 RESUMO DA ATIVIDADE

A aula foi preparada em três momentos:

- 1 – Introdução sobre os diversos processos de leitura; ativando os processos de percepção; preparação do ambiente escolar e dos alunos para interagir com a atividade;
- 2 – Desenvolvimento vivencial da atividade em dois períodos;
- 3 – Processo de escrita de relato pessoal por cada aluno e fechamento com roda de conversa sobre a experiência e relação com a leitura;

Para o desenvolvimento completo da atividade, uma artista foi convidada a estar junto dos alunos, mediando a atividade junto com a professora. A poeta e performer Laura Pujol foi convidada a participar da atividade e mediu o desenvolvimento da trilha falando trechos de poemas do poeta Manoel de Barros como: “poesia é voar fora da asa”, “a intuição é uma canoa que está na outra

margem”, “é preciso cruzar o rio dos pensamentos”, e do poeta visual Antoni Muntadas “atenção: a percepção requer envolvimento”.

A experiência consistia em vivência sensorial em que o participante, após período meditativo, de pés descalços e com ocultamento da visão, sentido mais utilizado por nossa sociedade, foi convidado a aguçar o sentidos da audição, tato e olfato no contato com a trilha e depois silenciosamente subir para sala de aula e escrever sobre a atividade. Em um segundo momento, os alunos foram convidados a sentar em roda no ambiente do hall para compartilhar com os colegas suas impressões e ler seus relatos pessoais.

3. COMENTÁRIO SOBRE O RELATO DE UM ALUNO

A amostragem do relato que segue em Anexo A é de um aluno da turma 1D, no qual ele faz um apanhado de três atividades realizadas juntamente com artistas. O relato do estudante mostra como experiências artísticas colaboraram com os processos de escrita, exercitando no texto um olhar criativo e perceptivo em relação à aprendizagem: “[n]a trilha sensorial eu percebi que usando os sentimentos também é possível ter imaginação para escrever”. O trecho aponta como a experiência despertou a imaginação do estudante através da mobilização dos seus “sentimentos” que podemos ler como sensibilidade. Como afirma Bolognesi (2011), “o exercício da imaginação e a satisfação da sensibilidade orientam-se pela qualidade do processo vivenciado. Eles não têm a vontade de poder, não alimentam a posse de uma mercadoria cultural: apenas reiteram ao sujeito o encontro com seus atributos últimos, isto é, o exercício da liberdade. No ato de experimentar reside a qualidade do processo artístico-educativo”. O estudante ainda comenta: “depois quando tivemos a aula com o Ben Hour [Bem Hur] consegui usar a percepção para ler e escrever textos”. No trecho ele não explicita bem o modo como a percepção colabora com sua leitura e escrita, mas é evidente que para este enunciador que a atividade transformou a sua relação com o ato da leitura e da escrita. Segue o relato enunciando: “[usei] o corpo para agir e usar o texto para interpretá-lo, em forma de teatro”. Neste trecho o estudante faz uma analogia direta à intersecção das linguagens com o processo de interpretação de textos. A alteração de ambientes e utilização da espacialidade da escola fora dos âmbitos da sala de aula traz outro dado do aluno: “não precisamos estar no mesmo local rígido[,] onde temos que estar sempre com a mesma postura”; E, ao final, discute a atitude responsiva em relação a seu grau de envolvimento com a atividade, ressaltando o despertar da autonomia: “nós fazemos porque gostamos”. Importante notar que a mudança de número, singular para o plural não revela um erro em relação ao número, mas demonstra que o aluno se coloca em uma posição de coletividade, buscando representar uma ideia de turma. Concluindo o comentário, outro dado importante está na pessoalização e no destaque para o nome dos artistas, ou seja, ele demonstra a importância da presença física de artistas na sala de aula.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo a formação **ampla** de leitores a proposta de uma associação das propostas pedagógicas baseadas no estudo de gênero discursivo aliada com a arte educação no desenvolvimento dos potenciais de leitura, considera-se que a atividade colaborou e proporcionou para o desenvolvimento da escrita, principalmente no que se refere ao gênero escolhido, relato pessoal. A roda de conversa, além de ser um momento em que a coletividade revelou seus anseios, dúvidas e opiniões sobre a atividade, também auxiliou na reescrita do relato. O produto escrito gerou apenas alguns parágrafos, o que foi considerado um produto final adequado e foi avaliado pela qualidade da leitura sensorial e pelo cuidado com os aspectos do gênero.

O feedback das aulas propostas pelo projeto *Livro Vivo* foi bem recebido pela escola que colaborou com a infraestrutura e materiais necessários para a atividade. O projeto se baseou em uma construção coletiva e cooperativa de diversas partes, não só da escola, como a professora supervisora participou e acompanhou todas as aulas-oficinas.

A execução das atividades foi realizada de maneira tranquila, sem atropelar processos pessoais e escolhas individuais dos grupos de trabalho. Os alunos durante o processo se mostraram entusiasmados, interessados e participantes. Observou-se que turma 1E teve alto desempenho de realização de produtos de escrita, já a turma 1D teve alto desempenho na realização de produtos não escritos, como a participação nas atividades de dinâmicas criativas.

A participação de artistas nas atividades de letramento fortalece e aponta para um caminho de uma educação que nos eleve a um padrão em que a sensibilidade e a criação está a favor e está incluída na aprendizagem. Realizar aulas coletivas com outros profissionais das mais diversas áreas da linguagem e das artes oferece uma qualificação diferenciada para formação de leitores. A maior dificuldade do projeto foi em clarificar aos alunos a relação da arte educação com a disciplina de língua portuguesa. Com a realização das atividades, os alunos foram compreendendo como a arte educação ampliava a leitura de mundo e colaborava com a escrita. Esse deslocamento foi uma reafirmação diária que propiciou a possibilidade de se criar uma outra versão do que seja uma aula de leitura e língua portuguesa, em formação ampla de leitores e educação multiartística.

5. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. ESTÉTICA DA CRIAÇÃO VERBAL. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2000.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto.** São Paulo: Ática, 1990.

BRITTO, L. P. L. **À sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical.** Campinas ALB. Mercado de Letras, 1997.

BOLOGNESI, Mario Fernando; MATTOS, Simone Ap. Ribeiro; CHRISTOV, Luiza Helena da Silva (Org). **Arte-educação: experiências, questões e possibilidades.** São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2011.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento Digital: espectos sociais e possibilidades pedagógicas.** Belo Horizonte: Ceale:Autêntica, 2011.

DIONÍSIO, A. P. **Gêneros multimodais e multiletramento.** In: KARWOSKI, A. M. GAYDECZKA, B. BRITO, K.S.(org.) **Gêneros textuais: Reflexões e Ensino.** Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância de ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1994.

GERALDI, João Wanderley (org.) **Linguagem e ensino; exercício de militância e divulgação.** Campinas: Mercado de Letras - ALB, 1996.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem escrita e poder.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Kleiman, Angela Bustos. **Leitura e interdisciplinaridade : tecendo redes nos projetos da escola [manuscrito].** Campinas: Mercado de Letras, 2003 191 p.

KRESS & VAN LEEUWEN, T. **Reading Images. The grammar of visual Design.** London: Routledge, 1996.

REVERBEL, Olga Garcia. **Jogos teatrais na escola – atividades globais de expressão.** São Paulo: Scipione, 2009

ROXO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSENBERG, Marshall. **Comunicação Não Violenta.** Editora Agora, 2009.

Links:

https://letras.faccat.br/moodle/pluginfile.php/418/mod_resource/content/0/Britto_2007.pdf

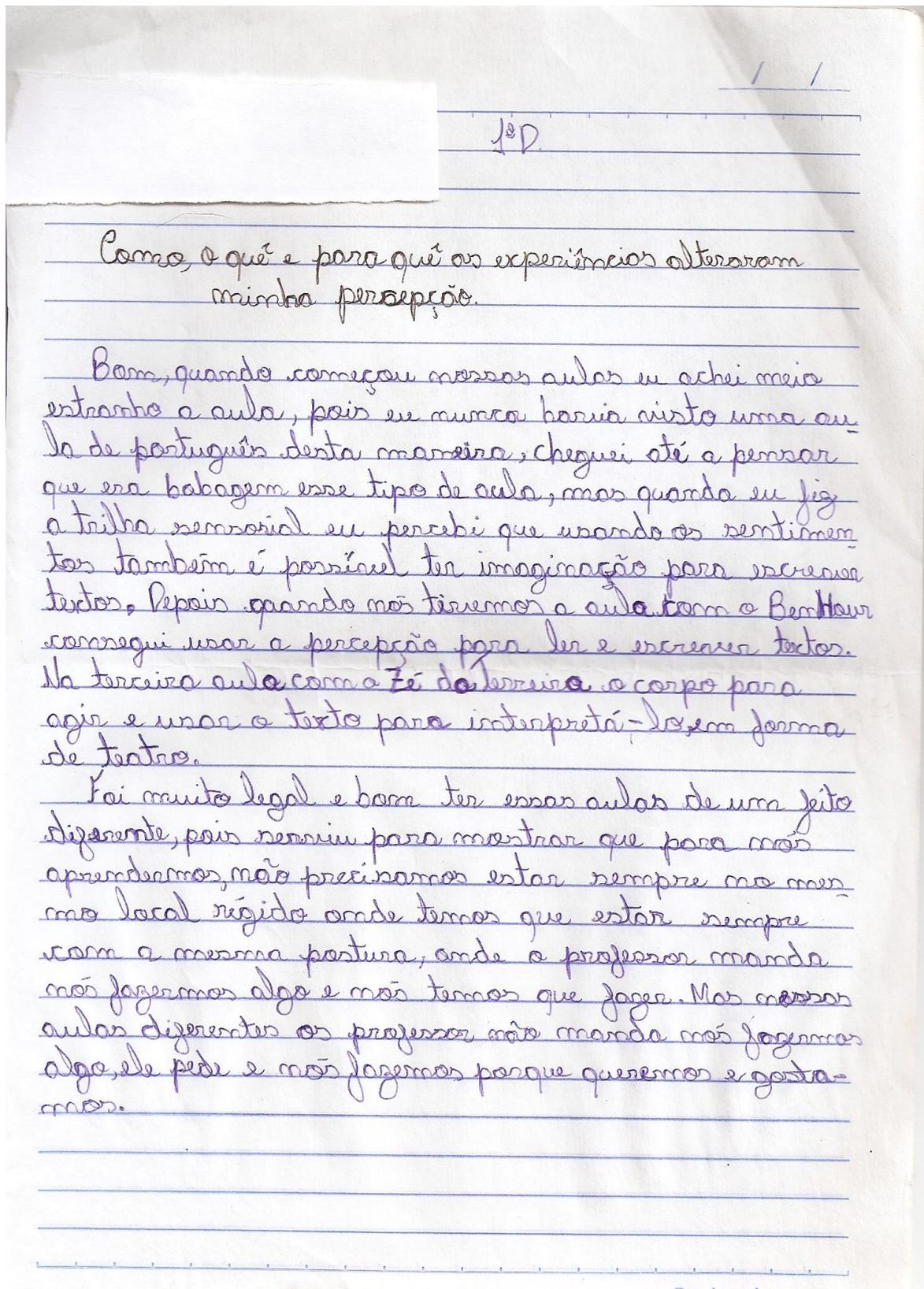
<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>

http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=86&id=12372&option=com_content

<http://artecontada.wordpress.com/2010/11/14/helio-oitica/>

<http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/origem-escrita.htm>

ANEXO A - CÓPIA DOS RELATO DO ESTUDANTE



ANEXO B – CRONOGRAMA DAS AULAS-OFFICINAS

As turmas tem um período cada na segunda-feira das 16h-18h na sexta-feira dois períodos não concomitantes das 13h30min-16h15min.

Durante a observação: Realização de questionário, conversas e relato pessoal de apresentação

Aula-oficina 1 – Iniciação sobre Formação Ampla de Leitores com atividade de percepção e escrita. Âmbitos da leitura. Texto: Atividade do Ponto. Atividade de desenvolvimento da criatividade: visualização de um ponto preto no meio de uma folha branca, relatar o que está vendo na folha. (1 período)

Leituras do Corpo

Aula-oficina 2 –Atividade de Trilha Sensorial (pátio da escola). Relato pessoal da experiência por escrito (individual). Partilha (análise oral em grupo sentados em círculo)

Oficineira-convidada: Laura Pujol, poeta e performer. (2 períodos) – já dada

Habilidade desenvolvida: percepção sensorial

Produto físico: Relato pessoal

Aula-oficina 3 – Atividade de Percepção corpo e percepção do olhar. Criação de movimento que represente seu estado artístico com registro de foto.

Oficineiro-convidado: Ben Hur Pereira, diretor, ator e palhaço.

Habilidade desenvolvida: Percepção corporal

Produto físico: Registro fotográfico de um movimento (1 período)

Aula-oficina 4 - Tema de casa: Pesquisar relatos pessoais na internet e trazer para próxima aula. Feriado pelo calendário escolar.

Habilidade desenvolvida: Responsabilidade e comprometimento, pesquisa e leitura individual em casa

Produto físico: Material escolhido

Aula-oficina 5 – Análise do material trazido. Aula expositiva e dialogal com atividade de leitura e escrita entendimento do gênero relato pessoal, deslocamento para literatura. Sistematização do gênero. Texto: On the Road, Jack Kerouac;
 Habilidade desenvolvida: Identificação e análise do gênero discursivo relato pessoal.
 Produto físico: Conversa (1 período)

Aula-oficina 6 – Atividade de expressividade e análise da relação com seu corpo.
 Oficina: Percussão corporal e expressividade.
 Oficineira-convidada: José Carlos de Oliveira, músico e ator.
 Habilidade desenvolvida: Expressividade corporal, ritmo e musicalidade.
 Produto físico: Dinâmicas em aula. (2 períodos)

Aula-oficina 7 - Vídeo “6 Bilhões de Outros”

<http://www.youtube.com/watch?v=tHodwpbqg8A> – **A felicidade**

(1 período). Diferenças entre o gênero relato escrito e relato audiovisual
 Habilidade desenvolvida: Contemplação, oralidade e espontaneidade
 Produto físico: Produção de relato oral filmado sobre o tema escolhido pelo grupo (levarei câmera de vídeo e pedirei para eles usarem seus celulares) (1 período)

Aula-oficina 8 – Transcrição de vídeo escolhido pela turma e revisão dos textos para o suporte escrito
 Habilidade desenvolvida: Percepção das diferenças de gênero e suportes físicos
 Produto físico: Transcrição de um vídeo (projeter e som, marcar sala de vídeo, 2 períodos) e percepção do ambiente para captação de som e luz.

Leituras de ambientes

Aula-oficina 9 – Atividade de leitura da Natureza. Despertar o envolvimento com a natureza (atividade no pátio da escola). Atividade de educação ambiental com plantio.
 Leitura de solo fértil.
 Oficina: Leitura: a natureza, nós e mundo
 Oficineira-convidada: Gustavo Guimarães, Educador Ambiental
 Habilidade desenvolvida: Envolvimento, atenção, cuidado, leitura das quatro direções, ventos, água e solo.

Produto físico: 51 plantios de mudas para a Escola

Aula-oficina 10 – Trazer de casa algum produto que use todo dia. Atividade de leitura em nutrição identificação de alimentos orgânicos e transgênicos, leitura de rótulos, caminho dos alimentos até a mesa. Oficina: Nutrição saudável e Consumo consciente. (Refeitório e sala de aula.)

Oficineiros-convidados: Coletivo Até o Talo, cozinheiros e Guilherme Schoroder, educador ambiental e sociólogo

Habilidade desenvolvida: Paladar, leitura e análise de plataformas cotidianas como rótulos

Produto físico: Texto-desenho caminho dos alimentos, verificação de que itens faltam ao consumidor

Aula-oficina 11 – Leitura de texto dos Direitos do Consumidor e rotulagem. Atividade de criação de debate público sobre Consumo. Como e o quê consumimos? Quais são nossos direitos como consumidor? O que significa mudar nossa leitura sobre consumo?

Habilidade desenvolvida: Reflexão, oralidade e argumentação

Produto físico: Debate público. Grupo é dividido em dois grupos: Consumistas x Consumo consciente.

Aula-oficina 12 – Aula expositiva e dialogal com atividade de leitura e escrita entendimento do gênero artigo de opinião. Texto: Belo Monte ou a vida?

Habilidade desenvolvida: Identificação e análise do gênero discursivo artigo de opinião.

Produto físico: Artigo de opinião sobre Belo Monte x consumo diário na sua casa

Leitura de Livros

Aula-oficina 13: Biblioteca. Música “Livros” Caetano Veloso. Aula de contato visual e manipulação de livros (partes de um livro, orelha, prefácio, capa com leitura silenciosa).

Aula-oficina 14 – Biblioteca. Escolha de um livro de qualquer gênero, seleção de texto ou trecho e realização de relato pessoal sobre o ato da leitura.

Aula-oficina 15 – Biblioteca. Escolha de um livro de qualquer gênero, seleção de texto ou trecho e realização de artigo de opinião sobre o ato da leitura.

Aula-oficina 16 – Atividade de instrumentalização para performance.

Oficina: Escrita, revoluções e movimentos circulares. (bambolês)

Oficineira-convidada: Mariana Bandarra, dançarina e escritora

Habilidade desenvolvida: Relação fala X corpo

Produto físico: Oficina

Aqui teremos alunos ouvintes e outros que participaram conforme escolha do produto final.

Aula-oficina 17 – Atividade de instrumentalização sobre fazer um livro à mão. Como fazer um livro a mão, saber costurá-lo.

Oficina: Livro na mão

Oficineira-convidada: Luisa Gabriela, escritora e artista visual.

Habilidade desenvolvida: Manual e contato com livro

Produto físico: Livro base para o projeto Livro Vivo

Habilidade desenvolvida: Identificação e análise do gênero discursivo artigo de opinião.

Produto físico: Artigo de opinião sobre Belo Monte x consumo diário na sua casa

Aqui teremos alunos ouvintes e outros que participaram conforme escolha do produto final.

Aula-oficina 18 – Produção do Livro Vivo ou performance.

Habilidade desenvolvida: Criação artística

Produto físico: Livro Vivo ou performance

Aula-oficina 19 - Produção do Livro Vivo ou performance

Habilidade desenvolvida: Criação artística

Produto físico: Livro Vivo ou performance

Aula-oficina 20 – Apresentação Coletiva dos Trabalhos (oral)

Aula-oficina 21 – Apresentação Coletiva dos Trabalhos (oral)

Aula-oficina 22 – Avaliação Coletiva dos Trabalhos (escrita por parecer)

Avaliação coletiva: 1/3 auto-avaliação através de breve depoimento escrito ou oral sobre o processo de aprendizagem, 1/3 dado pelos colegas através de critérios criatividade, clareza do seu experimento e conhecimento do tipo de leitura, linguagens e gêneros que permeou.

Mostra dos Produtos Culturais durante o Recreio.

Aula-oficina 24 – Partilha e debate sobre como foram as aulas, sobre o projeto e sobre a implementação das atividades sugeridas. Escrita de um relato/ carta para a professora de como foi a experiência e o que aprendeu sobre leitura ampla.